

Childhood & philosophy é uma revista que está esperando por nascer pelo menos desde que Sócrates ocupou um lugar singular (pelo menos para nós) na *pólis* do século v a. C. e fundou uma disciplina. A concepção dessa revista se sustenta, muito mais tarde, no providencial encontro histórico entre a educação da infância e a filosofia. Esse encontro, por sua vez, teve que esperar pelas proféticas declarações de Rousseau no *Emílio*, enviadas qual manuscrito posto numa garrafa à revolução iminente e pelo lento desenvolvimento, ao longo dos séculos XIX e XX, de um adulto realmente capaz de ouvir as crianças, senão de escutá-las. Para isso foi necessária a desconstrução romântica de tal adulto (masculino) vivamente esclarecido quem, devemos admitir, fez possível a revolução.

Podemos evitar a especulação politicamente perigosa sobre quem desse par - filosofia ou educação infantil - corresponde ao pai e quem à mãe ao invocarmos o anti-Édipo e a ontologia da diferença, nos quais as possibilidades para a função paterna e materna são múltiplas. Certamente a educação concebida como um veículo de disseminação dos dispositivos modernos para a constituição da subjetividade escavada a nós por Foucault não pode reivindicar direitos de paternidade. A forma de educação assentada no poder disciplinar tem sido largamente inimiga da infância e da filosofia. Por outro lado, filósofos “profissionais” ou “reais” fariam caçoadas típicas à sugestão de que as crianças sejam capazes de filosofar - ou que possam fazer algo remotamente “sério”.

Acreditamos que o interesse para que as crianças façam filosofia é inseparável de uma preocupação com a própria infância. Esta proposição tem como base observação de que muitos adultos - especialmente adultos que ensinam crianças nas escolas e filósofos profissionais - parecem, na maioria dos casos, desconsiderar ou negar a capacidade da criança para pensar filosoficamente. Tal situação complica-se profundamente ainda mais pelo fato de que pensar as crianças fazendo filosofia significa redefinir a própria filosofia. Portanto, não é

suficiente dizer o óbvio - que as crianças não podem fazer filosofia como nós. Pensar a criança fazendo filosofia requer também redefinir a própria infância.

Childhood & philosophy procura explorar essas duas redefinições, em seu entrecruzamento. Essa procura é pelo menos uma das dimensões fundamentais do grupo de filósofos e educadores que integram o conselho internacional para a investigação filosófica com crianças (International Council for Philosophical Inquiry with Children). O ICPIC já tem uma longa história, a qual pode ser consultada em www.icpic.org.

Childhood & philosophy está posta para ser uma de suas muitas vozes e para interagir em harmonia com as notícias e informações que você encontrará nessa página. Para manter vivo o caráter polifônico da organização, decidimos, inicialmente, publicar artigos em até seis línguas. Reconhecemos que esse não é um modo particularmente eficiente de oferecer a revista - traduzindo tudo para o inglês provavelmente, na média, ganharíamos mais leitores por artigos - mas essa prática significa o nosso compromisso, não somente com a integridade de cada parte do trabalho em sua língua materna, mas com nossas esperanças de um crescente multilinguismo em geral, que é uma metáfora (ou, de fato, um índice) de um aumento nesse poliperspectivismo, que consideramos ser uma expectativa de um repensar da infância e da filosofia.

No presente número, v. 10, n. 20, publicamos textos em inglês, castelhano e português. Alguns deles tematizam a filosofia como atividade em comunidade: Marina Santi ("Doing Philosophy In The Classroom As Community Activity: A Cultural-Historical Approach") a explora desde uma perspectiva histórico-cultural; Roberto Tibaldeo ("Reframing And Practicing Community Inclusion: The Relevance Of Philosophy For Children") estuda a comunidade filosófica em sua dimensão ética e política; Fernando Bento ("Afetividade e criatividade em filosofia para crianças") analisa as maneiras em que ela afeta o pensamento das crianças; Silmara Marton & Dagmar de Mello e Silva ("Escutando crianças: o que elas nos deram a pensar?") apresentam uma experiência concreta de comunidade filosófica e elaboram algumas inferências específicas de ouvir as crianças; Grace Robinson



(“You Live And Learn: Narrative In Ethical Enquiry With Children”) propõe o que denomina ‘Investigação narrativa ética’ como uma pedagogia que busca desenvolver três virtudes: consciência ética, competência narrativa e investigação crítica e autoconsciente; Natalie Fletcher (“Authoring And Facilitating Affect: The Philosophical Novel As A Liberating Form Of Affective Labour”) posiciona a novela como uma forma de labor afetiva tanto no processo (o trabalho do autor que requer uma resposta afirmativa) como nos efeitos (a experiência das crianças que provoca uma resposta afetiva) e busca demonstrar como a novela filosófica captura a potencia libertador da labor afetiva – autonomia relacional numa comunidade forte – ao mesmo tempo que evita os efeitos negativos de exploração e alienação; e Arie Kizel (“Life Goes On Even If There’s A Gravestone’: Philosophy With Children And Adolescents On Virtual Memorial Sites”) analisa uma instância de discurso filosófico ampliado que praticou durante dois anos com três grupos de jovens (crianças e adolescentes) que experimentaram perdas em suas famílias ou comunidades, e que eram coautores de textos escritos em contextos virtuais.

Outros textos se concentram na infância, a filosofia e a educação desde uma perspectiva mais teórica.. Mariana Alvarado (“El inspector, un investigador: vestigio de policía en las instituciones educativas mendocinas de fines del siglo xix”) trabalha sobre algumas pegadas políticas no século XIX em algumas instituições educativas de Mendoza, Argentina; e Aimberê Quintiliano (“Antologia fenomenológica e educação da infância. uma leitura de Merleau-Ponty”) incorpora alguns conceitos claves da fenomenologia de Merleau-Ponty para revisitar a educação da infância.

Finalmente, dois trabalhos recentemente apresentados num simpósio especial -- “Philosophy of Childhood: Exploring the Boundaries” – realizado em Encontro da *American Philosophical Association* se concentram no conceito de infância: Karen Fry (“Lyotard and The Philosopher Child”) mostra como, para o filósofo francês J.-F. Lyotard, o filósofo é a criança que busca respostas das quais não é dono. Finalmente, Stefano Oliverio (“The *Repuerescentia* of the Teacher: A Philosophical-Educational Perspective on the Child and Culture”) propõe o

boas vindas dos editores - editors' welcome - bienvenida de los editores

conceito de *repuerescencia* (um retorno do docente à infância), a partir de uma leitura de Erasmus, como um signo de que a herança clássica não está fechada e sempre se está fazendo e nos pode dizer muitas coisas num contexto de ensino.

Esperamos que disfrute da variada coleção de textos, se sinta encorajado/a a submeter artigos, incluindo compilações de filósofos e/ou educadores, relatos, mostras de currículos, resenhas, relatórios de projetos atuais, poesia e arte. Bem-vindo à *childhood & philosophy*!

david kennedy - walter o. kohan
upper montclair - rio de janeiro